

Capítulo I

Por favor, Deus, permita que não seja tarde demais!

O coração de Alexandra Kelly batia acelerado enquanto ela, levantando sua saia longa, subia correndo os degraus da entrada da velha casa de madeira. Abriu com impaciência a porta da frente, entrou no recinto e correu através do vestíbulo. Quase tropeçou ao subir as escadas de dois em dois degraus. Quando chegou diante do quarto de seu avô, parou para tomar fôlego. Esforçou-se para não chorar. Controlando as emoções, engoliu em seco e bateu de leve na porta.

Uma enfermeira com expressão séria abriu a porta e cumprimentou a jovem com um breve aceno de cabeça. Alex tocou-lhe o braço.

— Obrigada por me telefonar — disse à enfermeira.

A mulher se despediu rapidamente e desapareceu no corredor, deixando Alex a sós com o avô para que pudesse dar a ele o último adeus.

Piscando nervosamente, ela entrou no quarto e fechou a porta. Como conseguiria suportar a morte do avô?

A enorme cama de dossel com quatro colunas o fazia parecer pequeno e frágil. Ele lutava para respirar. Estava tão diferente do homem que já havia sido um dia! O rosto vincado e envelhecida de Declan Kelly, o grande egiptologista, foi para Alex uma visão de cortar o coração. Ele tinha sido um homem tão formidável, tão saudável e forte...

Declan abriu os olhos.

— Nefert... — Ele hesitou. — Alexandra? É você? — sua voz soou muito fina.

— Sim, vovô. Eu estou aqui.

Ele levantou a cabeça.

— Você está usando trajes de época. Por um momento acreditei...

— Não tive tempo de trocar de roupa. Quando a srta. Western telefonou, eu simplesmente abandonei o que estava fazendo e vim direto para cá.

— Será que perceberam no estúdio?

— Não, não notaram. — Ela se aproximou do avô e se sentou na cama, tomando-lhe as mãos entre as suas. O idoso mal tinha forças para apertar as mãos dela! — Eu nunca teria perdoado a srta. Western se ela não tivesse telefonado e você tivesse...

Mas o que é que ela estava dizendo?

— Vovô, você é muito mais importante para mim do que qualquer

filme.

Ele sorriu.

— Vestida assim, você fica exatamente igual a Nefertiti.

— Não fale. Você não pode se cansar.

Declan tentou rir, mas acabou tossindo.

— Tarde demais para isso agora, não acha?

Alex reprimiu um sorriso. Seu avô podia estar morrendo, mas não perdera o senso de humor.

— Quis ficar algum tempo a sós com você antes que Brian chegasse. Mas me diga, querida: como vai a filmagem?

Ele se preocupava mais com os outros do que consigo mesmo, até mesmo na situação em que se encontrava.

— A filmagem vai bem. Mas não estou aqui para falar sobre o filme. Vim para aproveitar sua companhia.

No momento em que Alex fizera o teste para o papel de Nefertiti, os executivos do estúdio a contrataram. Disseram que o papel era perfeito para ela. Alex já sabia disso mesmo antes que a aceitassem. Essa lembrança a fez sentir um frio na espinha.

— Fique ali, perto da janela — pediu Declan, interrompendo-lhe os pensamentos e apontando para um raio de sol da tarde. Ele tentou se sentar, mas o esforço o exauriu, e então voltou a cair sobre os travesseiros.

— Deixe-me olhar para você.

— Claro.

Ela se pôs de pé, correu os dedos pelos cabelos negros e lisos e ajustou o diadema dourado que lhe envolvia a cabeça. Depois de corrigir uma sequência de dobras que se formara na frente do vestido egípcio branco, Alex abriu os braços, ergueu o queixo, atravessou o quarto e então se voltou, sorrindo com a graça de uma rainha.

— Eu sou Nefertiti, Rainha dos Diademas, Amada de Aton, Rainha de Todo o Egito, Senhora das Duas Terras... — Ela parou de recitar sua fala para colocá-lo a par das novidades. — Vamos realizar filmagens no Egito dentro de um mês.

Alex se sentiu culpada por deixar transparecer sua excitação em meio à tristeza pela situação do querido avô. Contudo, os olhos dele demonstravam felicidade.

— Você irá ao Egito! Finalmente... — Ele tentou mais uma vez se sentar. Alex se aproximou da cama e ajeitou os travesseiros. — Quem diria? Minha pequena Alexandra, “a linda mulher chegou”! Ah, estou tão contente que poderia morrer!

O gracejo de Declan fez Alex rir. Ah, que falta ela iria sentir daquele senso de humor, pensou, comovida.

Exausto, ele voltou a se reclinar sobre os travesseiros.

— Isso é o que Nefertiti significa, e você sabe. “Uma linda mulher chegou”.

Ela sorriu e tocou-lhe o braço.

— Sim, vovô, eu sei.

— Mas é claro que você sabe. E ela era mesmo muito linda.

Alex ficou assustada quando viu os olhos do velho homem ganhar uma coloração opaca.

— Vovô?

Depressa, Brian, mais depressa!

Ele se esforçou para continuar olhando para Alex.

— Eu ainda não estou pronto para partir de uma vez.

— Ei, que conversa é essa de partir?

A peruca de Alex escorregou para a frente quando ela se inclinou na direção do avô, e ela a retirou.

— Alexandra! O que aconteceu com seus lindos cabelos? — indagou Declan, arfante.

— A peruca não se ajustava, por isso tive de cortá-los.

— Brian sabe disso?

Ela deu-lhe um tapinha na mão.

— Ele cuida dos meus interesses, mas sabe que não deve ultrapassar os limites que estabeleço.

— Apenas não deixe que ele dirija a sua vida também.

— Ora, não há com que se preocupar. É que desde a morte de papai e mamãe ele parece não ser capaz de demonstrar emoção, mas aposto que pensa exatamente da mesma maneira.

— Não consigo entender por que você mantém esse velho mandão por perto.

Alex sorriu.

— Porque ele precisa de mim. Não quero que Brian sinta que a família está se afastando dele. Dar-me proteção é a sua maneira de mostrar o quanto se importa. Mas com vinte e cinco anos, eu posso tomar conta de mim mesma. Quando Brian se excede, tudo o que eu preciso fazer é puxar as rédeas.

Alex deu uma espiada na cama. Os olhos de Declan estavam fechados. Teria o avô escutado o que ela acabara de dizer? Ela mordeu o lábio.

Deixe-o falar à vontade. Enquanto estiver falando, é porque está vivo.

— Bem, vovô, como eu dizia, vamos para Luxor daqui a um mês. Quando chegarmos, a maior parte das locações já estará definida.

Declan sorriu para a neta com seus lábios finos e abriu os olhos.

— Um mês... Tempo mais que suficiente para você me enterrar e me

esquecer...

— Vovô!

— Ora, Alexandra, não seja tão melindrosa... Você sabe que eu sempre acreditei no mundo dos mortos egípcio. Serei feliz também do outro lado.

— Sim, eu sei. — Com um sorriso apagado, ela segurou as mãos do avô. — Sua paixão pelo Egito estimulou minha imaginação. Você sempre fez tudo parecer tão... exuberante. Todas aquelas histórias de tumbas e templos!

E em pouco tempo ele próprio, seu avô, faria a derradeira viagem rumo à eternidade. De qualquer modo, era nisso que ele acreditava.

Lembranças bombardearam a mente e o coração de Alex. Ela beijou os dedos finos do avô. Declan era o único homem que não a havia subestimado. E nunca pedira nada a ela. E sempre que precisara, ela sabia que podia contar com o amor incondicional e o apoio do vovô Kelly, qualquer que fosse o lugar em que ele estivesse.

Isso até dois anos atrás, quando ele de súbito passara a evitar todo contato social. Só por telefone era possível ter acesso a seu avô. Depois ele simplesmente desapareceu por dois meses. E perguntar a Declan onde ele havia estado durante esses meses era inútil, pois se recusava a responder. Fazer-lhe tal pergunta agora seria inútil: ele provavelmente nem se lembraria.

— Oh, Alex, eu espero que você vá ao Egito! — exclamou Declan num momento de agitação.

Alex tentou sorrir, mas não conseguiu. Seu avô já não era capaz de reter na memória acontecimentos recentes.

Meu Deus, acho que ele não tem muito tempo... Brian, onde você está?

— Vovô, eu já lhe disse que irei daqui a um mês.

Declan apertou a mão dela com uma força inesperada.

— Não, Alexandra. — Declan fez uma pausa, e seus olhos cansados se iluminaram. — Estou me referindo... ao verdadeiro Egito. — Ele suspirou ao dizer essas palavras, e por um momento pareceu que o Declan Kelly dos bons tempos havia retornado.

Alex pegou o telefone celular em sua bolsa.

— Acho melhor verificar por que Brian está demorando tanto.

— Não. Espere... — Ele retirou o celular da mão da neta e o colocou na mesa de cabeceira. — Antes que seu irmão chegue, vá até ali. Quero que faça algo para mim.

Alex se moveu na direção da porta do armário e a abriu. Espantou-se com o que apareceu diante de seus olhos. Um grande colar egípcio

repousava sobre um anteparo de fino linho. O colar de ouro, incrustado com turquesa e lápis-lazúli, resplandecia sob a luz do sol. Outra peça de linho, áspera porém primorosamente dobrada, encontrava-se ao lado da primeira.

— Pegue-a. — Declan olhou na direção da porta.

Alex obedeceu e ergueu o espetacular colar de pedras preciosas. Ficou arfante diante de tal tesouro.

— Mas que colar maravilhoso! E como é pesado! Parece de verdade.

— E é mesmo de verdade. Quero que faça uma coisa por mim... que o leve de volta ao Egito.

— De volta?

— Sim — respondeu Declan, sorrindo de modo enigmático.

Alex quase deixou cair a joia.

— Furtou isso de algum museu?

— Ora, claro que não! — Ele a fitou com mágoa no olhar. — Como eu poderia me apresentar diante de Anubis com um roubo em minha consciência?

— Hum-hum... ora, vovô! Quando o deus da morte colocar na balança o seu coração e a pena da verdade, e constatar que seu coração é bem mais pesado que a pena, você dirá que a balança está desregulada! — disse Alex em tom brincalhão.

Quase com medo, ela voltou a olhar para a joia, mas com o canto dos olhos.

— Afinal, como foi que conseguiu isto?

Declan não respondeu, talvez por ter exaurido suas forças com a revelação que acabara de fazer. Ou talvez preferisse não responder, simplesmente.

— Isso não importa, querida. Abra o outro tecido.

Alex atendeu ao pedido e percebeu que o avô sorriu quando ela deslizou a mão sobre o tecido áspero.

— Hum, esse material não é comum. — Alex sentiu os dedos se aquecer enquanto desdobrava o tecido. — Parece um tipo áspero de linho... — Ela ergueu os olhos. — Papiro?

Declan fez que sim com a cabeça e arqueou as sobrancelhas.

— Cem por cento.

Dentro do pano havia um mapa de um templo antigo. Alex olhou para o avô de soslaio, com ar de dúvida.

— Onde fica isso?

— É o Templo de Tot. Em Tebas.

Alex buscou uma posição mais confortável para seus pés enquanto examinava o mapa.

— Eu não entendo, vovô...

Declan respirava com evidente dificuldade. Arfante, ele se reclinou para trás e fechou os olhos.

Esquecendo o mapa, Alex sentiu lágrimas surgindo em seus olhos.

Depressa, Brian...!

Engolindo em seco, segurou com força as mãos do avô.

— Se é o que quer de mim, então é isso que farei.

— Tem mais uma coisa, Alex...

Havia grande ansiedade na voz dele. Alex se esforçou para não deixar que o avô percebesse que estava a ponto de chorar.

— O quê?

— Não deixe que aquele seu irmão cuide do meu enterro. A ideia de ir para debaixo da terra me dá calafrios. Quero ficar em meu mausoléu, perto das coisas de que gosto, meus lindos pertences. Vou deixar alguns para você, claro.

Já fungando, ela teve de intensificar a luta contra as lágrimas.

— Tudo o que você quiser, vovô.

Ele deu à neta o telefone e tentou de novo se sentar, mas não conseguiu.

— Não me trate com condescendência, Alexandra. Ponha seu coração nessa promessa!

— Está bem! — Ela respirou fundo e o fitou nos olhos. — Eu prometo.

— Assim está melhor. Eu não queria que você ficasse chateada. — Ele estendeu o braço e deu um tapinha na mão dela. — Agora venha para mais perto de mim. Tenho de lhe contar algo importante.

Alex se inclinou na direção do avô e posicionou o ouvido perto dos lábios dele.

— Querida, eu vi coisas maravilhosas... coisas maravilhosas!

— Fale-me sobre isso, vovô.

Minha nossa, ele mal consegue respirar! Deus, faça-o falar! Faça com que se mantenha desperto!

Alex notou que os olhos do avô estavam vidrados devido ao esforço para conseguir respirar.

— Estou tão arrependido, querida! Mantê-la distante foi imperdoável.

Ele está delirando, só pode ser isso.

— O que está tentando dizer, vovô?

— Você se lembra? — Declan fez uma pausa para tomar fôlego. — Há poucos meses... quando você me viu... no...

Alex sentiu a pressão da mão dele afrouxar. Declan soltou um longo e profundo suspiro. Então seus olhos se fecharam.

Seu avô havia partido para sempre.

— Vovô! — Lágrimas inundaram-lhe o rosto. — O que aconteceu há

alguns meses? Diga-me... Por favor, fale comigo!

Era inútil. Sentindo-se abandonada e só, ela baixou a cabeça e se permitiu chorar livremente enfim. Só haviam restado para Alex as lembranças de um homem sábio e maravilhoso, cuja morte deixara um enorme vazio em sua vida, além de um colar de ouro incrustado de pedras preciosas que ela prometera repatriar ao Egito.

Ela pestanejou. Talvez as lágrimas tivessem embaçado sua visão, mas as marcas da idade no rosto de seu avô pareciam mais suaves agora, e ele exibia um sorriso sereno.

Brian irrompeu quarto adentro.

— Alexandra, eu lhe disse para esperar por mim!

Muito comovida, ela se levantou e se voltou para o irmão.

— Vovô acabou de morrer.

Brian ficou imóvel.

— Sinto muito, Alex. Sei que você gostava muito dele.

Caminhou até a cama e pôs a mão no ombro dela, apertando-o com carinho. Percebendo que os olhos de Alex estavam úmidos de lágrimas, Brian a abraçou com força. Um gesto simples, mas era a maneira que encontrara de lhe dizer que compartilhava sua dor.

— Obrigada — disse Alex com a voz embargada.

— Somos só nós dois agora, maninha. Declan era um sujeito legal, apesar de um pouco excêntrico.

Alex sentiu-se mais confortada com o abraço de Brian e retribuiu, abraçando-o também. Ele se esquivou, como se tivesse receio de mostrar fraqueza; mas isso não importava. O que contava era que seu irmão não lhe havia faltado quando mais precisara de consolo.

— Ele tinha o direito de ser excêntrico. Afinal, era um em um milhão.

Brian beijou o topo da cabeça de Alex, deu alguns passos pelo quarto e parou.

— Por que diabos foi fazer isso com seu cabelo?

A aspereza na voz dele era sua maneira de manter as emoções sob controle. Mas Alex não gostou.

— Não tenho a menor vontade de falar sobre esse assunto agora.

— Mas ficou horrível! — Brian insistiu. — Jamais conseguiremos consertar isso.

— Eu preciso usar perucas pesadas.

Voltando as costas para ele, olhou uma última vez para o avô, demoradamente, e então cobriu com o lençol aquele rosto amado, que nunca mais voltaria a ver na vida.

— E por que tem de usar perucas? Já considerou a possibilidade de usar seu próprio cabelo?

— Ei, escute aqui... meu avô acabou de morrer! Não percebe que este não é o lugar nem o momento para discutir o corte do meu cabelo? — Ela suspirou e caminhou em direção à porta para chamar a enfermeira.

— Está bem, desculpe... Que bobagem a minha insistir nesse assunto agora. Mais tarde falaremos a respeito. — Brian olhou para os objetos egípcios de Declan que se encontravam no grande quarto. — Bem, teremos de dar um jeito nessas coisas todas. — Ele ensaiou uma risada. — Talvez você até possa usar alguns desses objetos no filme... A propósito, Alex, temos de pensar nos arranjos para o enterro. Desculpe tocar nessa questão agora, mas é necessário que sejamos práticos.

Seu irmão certamente via o quanto ela estava sofrendo. Será que não podia deixar de ser desagradável nem mesmo por alguns instantes?

— Vovô não quer ser enterrado. Quer ser colocado num mausoléu que construiu e ficar lá junto com seus artefatos.

Brian virou-se para fitá-la, e tinha no rosto uma expressão de pura descrença.

— Não pode estar falando a sério!

Dor e irritação fizeram-na responder à altura:

— Claro que falei a sério, Brian! Pareço estar brincando? — Com o cenho franzido, Alex caminhou até ele. — Eu amo você, Brian. Mas atreva-se a ir contra os últimos desejos de Declan e eu o colocarei no olho da rua. Entendeu?

— Eu... — Brian hesitou por um momento. — Não se preocupe, seguirei as suas instruções.

Alex poderia jurar que escutara a voz de seu avô gritando “Boa!” de sua morada eterna.

Luxor, Egito

Um mês depois

Alex olhou de relance para a multidão no saguão de desembarque e reconheceu um grupo de *paparazzi* nas proximidades. Se esperavam ver Alexandra Kelly, sua personagem nas telas, eles se decepcionariam.

Com o cabelo curto e o rosto sem maquiagem, ela não seria reconhecida. Ninguém repararia em uma moça miudinha usando calça jeans surrada, circulando despreziosamente por ali. Ela havia dispensado até mesmo os óculos escuros, que costumavam chamar a atenção. Sim, o anonimato podia ser uma experiência emocionante. Ela respirou fundo, cruzou os dedos e sorriu. Aquilo iria ser fácil demais!

— Srta. Kelly? — alguém chamou quando ela já seguia em direção à saída.

Ela girou nos calcanhares.

— Sim? — *Mas que droga...*

Será que passar despercebida era pedir demais? O motorista que havia contratado para levá-la até o hotel a esperava em um canto no saguão de desembarque, levantando uma placa em que se lia “Templo”. A placa, contudo, não enganara um homem alto e de cabelos pretos.

Repórter astuto.

Quando viu o *paparazzo*, Alex sentiu desânimo. Com os dentes cerrados, dirigiu-se ao jornalista.

— Sei que tem um trabalho a fazer. Vamos em frente. Só peço que seja rápido.

O repórter sorriu, concordou com um aceno de cabeça e ofereceu seu cartão.

— Meu nome é Ethan King.

Sem nem olhar para o cartão, Alex o guardou na bolsa.

— Certo, sr. King... Tire suas fotos, então.

— Antes de mais nada, gostaria de lhe dar meus pêsames pelo falecimento de seu avô.

Lágrimas brotaram do canto dos olhos de Alex.

— Obrigada. — Desconfiada, ela se perguntou se havia alguma sinceridade na declaração dele, ou se estava usando uma informação apenas para conquistar sua confiança. — Você conhecia meu avô?

— Sim, nos encontramos várias vezes. Inclusive fui ao enterro dele.

— Ah. — *Bem, eu errei em suspeitar do homem.* — Entendo.

Como se tivesse percebido que a havia desarmado, Ethan King sorriu.

— Quanto tempo vai ficar filmando aqui?

— Cerca de três meses. A maior parte do trabalho no estúdio já está feita. Eu cheguei antes do início das atividades para ter tempo de visitar lugares turísticos. Estou muito animada. O Egito era a paixão do meu avô, e é a minha também.

Ethan balançava a cabeça enquanto escrevia em seu bloco de anotações.

— Onde você filmará?

— Na região de Luxor e no Horizonte de Aton.

O jornalista olhou para cima e soltou ar pela boca, como se assoprasse.

— Lá pode fazer um calor daqueles.

Alex sorriu com doçura.

— Quanto mais real, melhor, sr. King. É isso mesmo que buscamos.

Os *paparazzi* enfim a descobriram e a abordaram sem piedade. Suspirando, Alex se entregou com resignação ao bombardeio de perguntas. *Flashes* pipocavam diante de seu rosto, e os repórteres se

acotovelavam para obter algumas poucas palavras.

Quanto mais rápido ela saísse dali, mais rápido poderia relaxar num longo, quente e perfumado banho.

Após alguns minutos, os repórteres finalmente se foram. Alex dirigiu um sorriso forçado a Ethan e rumou para a saída do aeroporto. Sentindo que ele a observava, virou-se.

Ethan levantou a mão num aceno casual. Mas Alex não retribuiu. Entrando na limusine com ar-condicionado, afundou no macio assento de couro, a fim de aproveitar o percurso até o Ramses Hotel.

Colada à janela do carro, ela observava fascinado o que acontecia lá fora. Passaram por mercados onde barracas estavam abarrotadas de frutas, vegetais e grãos. Ela abriu a janela, deixando que a confusão de vozes invadisse seus sentidos e permitindo que os aromas de perfumes exóticos e de especiarias enchessem o ar ao seu redor. Assim que pudesse retornaria àquele lugar para comprar panos de seda coloridos.

Contudo, visitar o Templo de Tot estava em primeiro lugar em sua agenda.

As aldeias pitorescas eram um espetáculo à parte. Pouco haviam mudado ao longo dos séculos, e ainda travavam uma batalha inútil contra a areia.

Solitárias, as ruínas de monumentos antigos fincadas no mundo moderno marcavam sua presença. Alex lembrou-se das histórias do avô e tentou imaginar como aquele cenário devia ter sido maravilhoso milhares de anos atrás.

O carro parou diante do hotel, e isso a trouxe de volta ao presente. Carregadores apanharam sua bagagem e a levaram para a recepção. O porteiro sorriu polidamente para ela e lhe entregou duas chaves.

— Esta é do seu quarto, srta. Kelly, e a outra é do carro que alugou.

— Obrigada. Gostaria que enviassem café e sanduíche para o meu quarto. Ah, queijo também, por favor. Levem-me tudo daqui a... uma hora, pode ser?

— Perfeito, senhorita.

Quinze minutos depois, Alex mergulhava até o pescoço numa relaxante banheira e, suspirando longamente, fechava os olhos. Ah, como precisava daquilo!

Depois de se livrar da poeira da viagem, ela saiu do banho, secou-se e vestiu um robe de seda azul.

A primeira mala que ela desfez continha um traje egípcio, um vestido. Ela dissera ao seu pessoal que tinha a intenção de usar o traje para fazer fotografias de divulgação, com monumentos antigos como pano de fundo. Não podia contar a eles a verdadeira razão.

Como explicar à sua equipe que havia tomado uma decisão com base em um mapa, um pedaço de papiro? Ela própria mal podia acreditar nisso.

Vasculhando suas roupas íntimas, encontrou o estojo onde havia colocado o colar de joias e o tirou da mala. Por que escondera aquilo? Obviamente o colar era uma cópia primorosa, embora seu avô lhe tivesse dito que era legítimo.

Alex sentia-se frustrada. Quem contrabandearia artefatos para *dentro* do Egito, falsificados ou não? Juntos, o vestido e o colar sem dúvida ficariam arrasadores. Talvez pudesse usá-los uma última noite antes de devolver o colar para... para quem?

Talvez tivesse entendido mal seu avô quando ele dissera que o objeto tinha de ser levado ao Templo de Tot. Não poderia ter estado lá.

No dia seguinte ela faria uma breve e discreta investigação. Enquanto isso...

Ela vestiu ansiosamente o traje, pôs o colar em volta do pescoço e sorriu diante de sua imagem refletida no espelho. Uau! Com um visual desses e com a maquiagem certa, ela facilmente passaria por uma nobre egípcia! Se o colar fosse verdadeiro, valeria uma fortuna.

Venha! Venha!

Uma leve vertigem obrigou-a a se apoiar na penteadeira. Inferno. De novo aquela voz ecoando em sua cabeça. Parecia vir do mapa...!

Alex ouviu uma batida à porta e tratou de se recompor.

— Quem é?

— Serviço de quarto, srta. Kelly.

— Ótimo!

Sim, estava com muita fome. Isso explicava a vertigem, claro.

Ela abriu a porta e permitiu a entrada de um garçom magro de uniforme cinza, que fez uma discreta saudação.

— O sanduíche e o café que pediu, srta. Kelly.

Quando o rapaz colocou os olhos no colar, ela instintivamente tentou cobrir a joia com a mão. E se o garçom pensasse que ela estava roubando a joia de seu país?

Por Deus, era só o que me faltava...

— Linda cópia, não acha? — Com a cabeça, Alex apontou a mesa no outro lado da sala. — Pode colocar a bandeja ali.

O garçom fez o que lhe foi pedido e depois parou discretamente ao lado da porta à espera da gorjeta. Alex deu a ele uma quantia generosa, sem deixar de perceber que ele não tirara os olhos da joia nem por um instante até a porta ser fechada.

Uma pequena dúvida espicçou sua mente quando ela tirou o

magnífico colar e o examinou. Era possível que tivesse sido roubado. O garçom podia tê-lo reconhecido se já o tivesse visto antes, talvez em fotos nos jornais. Mas aquele artefato não poderia ter mais do que alguns anos.

De súbito, a penetrante voz voltou a soar em sua cabeça: *Venha, venha!* E ela então sentiu um desejo premente de ir até Templo de Tot.

Venha!

A vertigem a atingiu novamente, e a voz em sua cabeça a intimava a ir ao templo. Naquele mesmo instante.

Mas aquilo era um absurdo... Ela não deveria nem mesmo considerar a hipótese de fazer tal coisa! Se fosse ao templo sozinha, teria uma bela encrenca com Brian. Se bem que seu irmão não precisava saber... Afinal de contas, era uma mulher adulta e podia fazer o que bem entendesse. Além do mais, ela havia tomado aulas de autodefesa e sabia se defender. Podia muito bem tomar conta de si mesma.

Venha até mim. Venha até mim...

— Está bem, agora mesmo.

Com agilidade, Alex vestiu uma calça jeans e uma blusa branca, e olhou para o colar de ouro. Aquele garçom que não desviava os olhos do colar lhe dera arrepios. Ela não achava boa ideia deixar no quarto uma peça de joalheria tão perfeita. Depois de pendurar o vestido no armário, devorou o sanduíche num instante, escondeu o colar no mapa, colocou-o numa cesta e saiu em busca do Templo de Tot.

Propriedade de Hapu, Egito

Ano cinco do reinado de Amenhotep IV

Khafra acomodou-se confortavelmente na cama, mas não conseguiu se acalmar. Era bom estar em casa com sua família após voltar do palácio real. Em sua casa ele se sentia tranquilo. Podia descansar. Infelizmente, porém, sua paz não iria durar muito. Os deuses haviam ordenado, e ele tinha de obedecer. Deveria partir naquela noite. Lembrou-se da tristeza estampada nos olhos de seu pai, na última vez em que partira. Rekhemire na certa temia que o filho nunca mais retornasse. E talvez não voltasse mesmo, dessa vez.

Ele se levantou e se pôs a andar, e nesse movimento seu *kilt* branco se ajustou em torno das pernas.

— Vou caminhar no jardim.

Rekhemire suspirou, abaixando a pena de junco com que escrevia.

— Conheço esse olhar de inquietação. O que o está afligindo, filho? Khafra não conseguiu encarar o pai.

— Peço desculpas, meu pai. Preciso me movimentar, e sei que meus passos o atrapalham enquanto trabalha. Mas há um leão dentro de mim que precisa ser domado.

Rekhemire sorriu de modo espirituoso.

— Sabe do que você precisa? De uma boa esposa. Uma que mantenha essa fera sob controle, na cama.

Apenas uma mulher seria capaz disso; mas ele a havia visto muito tempo atrás, e jamais voltaria a vê-la.

— Estou preocupado com você, filho — disse Rekhemire, esfregando o queixo. — Você mudou desde que voltou de suas viagens. — Ele fez uma pausa, e então prosseguiu: — Por que não faz uma visita à Casa dos Prazeres? Há muitas mulheres lá que podem lhe proporcionar diversão e deleite.

Khafra tentou rir.

— É, o senhor provavelmente tem razão.

Khafra virou-se e saiu para o ar da noite. No frescor do jardim, ele tomou o caminho entre duas lagoas com perfumadas lótus e seguiu na direção das oliveiras. Parou, deliciando-se com os aromas, e então olhou para o céu, repleto de estrelas.

Amava aquele jardim. Sua serenidade podia apaziguar o espírito inquieto de um homem, abrandar o fogo que o consumia por dentro. Naquela noite, contudo, as coisas eram diferentes. Nada seria capaz de diminuir seu temor. Mesmo que corresse o risco de perder a vida na experiência, precisava partir. O futuro do Egito dependia dele, e apenas dele.

Khafra inalou profundamente o ar do ambiente. Talvez fosse a última vez que desfrutava aquele jardim.

Não estava interessado na Casa dos Prazeres. Também não estava à procura de uma esposa. Melhor assim. Tinha tarefas mais importantes a realizar. Tarefas que uma mulher nunca entenderia.

Nem seu pai entenderia.

Sexo não poderia apagar o medo de seu coração. Ele precisava contar com todo o seu poder de concentração; e todo homem sabia que estar nos braços perfumados de uma mulher era entorpecer-se durante horas. Ou dias. E Khafra não tinha todo esse tempo. Com o coração aflito, ele entregara seus pensamentos à grande missão que tinha de realizar. Como poderia viver se falhasse e não conseguisse salvar o Egito da destruição?

A lua já havia se erguido bem alto no céu. Era necessário encontrar as palavras certas para contar ao pai que precisava partir, e que talvez jamais retornasse... porque podia morrer.

— Khafra?

Pelos deuses... Nofret!

Ele gemeu. Sua irmã, a única pessoa que ele queria evitar ao máximo, embora não devesse. Quando ele se fosse, o coração dela sangraria. E ter de ir embora fazia o dele sangrar. Não passava de um verme desprezível por acreditar que poderia agir como um covarde.

Nofret sempre alardeara que o adorava: seu poderoso irmão, o líder, o guerreiro. E desde quando guerreiros se comportavam como covardes?

Ela correu até ele, passou-lhe os braços pela cintura e pousou a cabeça em seu peito.

— Você parece triste, Khafra.

Ele engoliu em seco, sem saber o que dizer.

— Conte-me o que está acontecendo.

Khafra até conseguiria esconder a verdade de seu pai, mas odiava mentir para Nofret.

— Querida, eu...

As palavras, porém, não vinham. Pareciam paralisadas em sua garganta. Ir para a guerra nunca o deixara nervoso, mas ter de dizer adeus a Nofret o dilacerava por dentro.

Ela própria deu a resposta.

— Vai embora novamente, não é? — Khafra se manteve em silêncio. Nofret então ficou diante dele e o fitou nos olhos. — Por quanto tempo ficará fora dessa vez?

— Quem pode saber?

— E para onde irá?

Como responder a tal pergunta? Ele enfiou os dedos nos cabelos negros.

— Para um lugar muito longe daqui.

— Tão distante quanto o lugar para onde foi da última vez?

— Bem, não tão distante — murmurou Khafra, sem dar detalhes.

— Acho que deve a papai e a mim uma explicação. — Lágrimas brilharam nos olhos dela. — Não pode me contar, Khafra?

A situação piorava cada vez mais. Ele beijou a ponta do nariz da irmã e tentou se esquivar de suas perguntas.

— Minha querida irmã, eu acho que você deve ir se deitar. Está tarde. Veja, a lua já começou a subir no céu.

Ela suspirou profunda e tristemente, e isso feriu o coração de Khafra.

— Você partirá pela manhã.

— Sim. — *Osiris, dai-me forças!* Ele a segurou com os braços estendidos e sorriu. — Quero que você seja muito corajosa e forte. Por causa de papai.

Khafra sabia que podia contar com a coragem dela. Aos quinze anos,

Nofret já era mais valente que muitos homens, mais valente do que ele próprio. Abraçando-a com força, olhou para o céu. Os deuses haviam declarado sua vontade. Ele não devia falhar; caso contrário, perderia seu *ka*, sua energia vital.

E sua alma morreria para sempre.